

ENTREVISTA

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma (1961), graduação em Ciências Políticas - Université Claude Bernarde Lyon I (1966), graduação em Ciências Sociais - Faculdades Católicas de Lyon (1966) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1975). Atualmente é titular do gacint da Universidade de São Paulo e professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, integração, globalização, relações internacionais e Mercosul.

O professor Paulo Edgar de Almeida Resende é o entrevistado deste número.

1) Quais as causas da crise financeira mundial?

A crise financeira mundial veio mostrar que o mundo carece de governança global, em algum grau. Há um quase consenso de atribuição prioritária de reforma da arquitetura do sistema financeiro, no bojo de uma economia, que realiza no presente sua vocação original de mundialização. Já foi dito que o capital não tem pátria. E hoje, como nunca antes. O peso relativizado da economia estadunidense, a emergência dos países emergentes, tendo à frente a China, elevam ao primeiro plano o Grupo dos 20, como sinalizado em sua reunião de Londres em março. Não é ainda o multilateralismo, mas tampouco o unilateralismo. Às vésperas de novo encontro dos chefes de estado em Pittsburgh, Pensilvânia, a regulamentação para o sistema bancário, embora sujeita a sérias restrições, começa a ser delineada.

2) O Presidente Lula, no início cobrou na ONU uma resposta sobre a crise financeira mundial, criticou os subsídios agrícolas e as barreiras comerciais impostas pelos países ricos e afirmou que as soluções para a crise devem ser globais e baseadas em espaços multilaterais legítimos e confiáveis. Após um ano, como analisamos esta afirmação do Presidente e qual a hipótese de acordos multilaterais?

A hipótese multilateralista está na ordem do desenvolvimento capitalista, quebrada a proeminência da economia estadunidense. O fato é que a crise mundial busca ser superada, mas por enquanto quase paradoxalmente, pela via torta, com aumento do protecionismo. Apesar das juras, estudo do instituto britânico *Centre for Economic Policy Research* contabiliza em seu levantamento, desde novembro de 2008, 121 medidas protecionistas e outras 134 que podem ser adotadas pelos países do G20, incluído o Brasil neste rol.



3) Como uma crise do setor bancário, que afeta vários bancos parece estar tão controlada um ano depois, pois o mercado parece estar recuperando bem?

A grande depressão prevista não ocorreu, graças à mudança de perfil de governos, que não se curvaram ao mantra do estado mínimo, caro aos paleo-liberais. O setor público garantiu a demanda interna, incluído o Brasil. Chegou-se até a atribuir a Obama suposto escorregão socialista. O fato é que a grande recessão não se espalhou com tal ordem de grandeza, e se não foi uma marolinha, na expressão excessivamente otimista do presidente Lula, não atingiu em cheio os emergentes, referência, sobretudo a China, Índia e Brasil, nesta ordem.

4) Qual a hipótese de propostas globais? Não são mais viáveis acordos laterais?

Os desafios econômicos serviram para dar maior destaque às agendas políticas. As bolsas deixam de ter peso próprio, à medida que a regulamentação do setor financeiro passa a ser tópico central em encontros de cúpulas governamentais, como o G20.

5) A crise pode gerar alguma mudança no capitalismo ou na sua forma de organização? Qual o impacto no sistema?

A principal, a curta distância, é destronar o G7+1, dando lugar ao proclamado G20. A maior atenção regulatória de governos certamente redundará em um setor financeiro mundial mais transparente.

6) Esta crise pode considerar que é um fracasso do neoliberalismo?

Se por neoliberalismo entendemos o apelo ao estado mínimo, o estado guarda-noturno, mantra retomado após a recuperação plena do capitalismo, poucas décadas após a 2a. guerra mundial, melhor seria evitarmos o prefixo e falássemos pura e simplesmente de liberalismo clássico, ou paleo-liberalismo, se algum prefixo for reclamado. De fato, o capitalismo contemporâneo transnacionalizou-se de tal forma que a gestão-sanção de interesses de tal vulto é função acrescida de governos nacionais, articulados em blocos como Mercosul, Unasul, Nafta, Cafta, União Européia, Asean, BRIC e tantas siglas mais.

7) O fato de a crise ter iniciado em um país rico, pode ter um impacto mundial diferente?

Diferente no sentido de que a solução se encontra mais na periferia do que no centro da economia mundial. Uma periferia com nova qualificação, altamente positiva. Falo de China, Índia e Brasil, hoje global *players* de primeira grandeza.

